2044

O funeral da mãe foi ontem. Éramos poucos e eu chorei. Gostei muito dela nos últimos tempos e essa é a forma mais bonita de despedida. Clara foi ao funeral, e eu tive um medo enorme de que isso fosse demasiada tristeza para suportar. Amaram-se profundamente. Desejo, um dia, ter uma amizade dessas na minha vida, embora tenha havido um período de anos, nem sei quantos, uns quarenta talvez, em que elas se afastaram. É demasiado tempo para se estar longe de quem se ama. A mãe morreu sem que fizessem as pazes. Nunca percebi a razão. Não se falavam, mas perguntavam-me uma pela outra, por vezes, e eu percebia que gostavam, ambas, de saber alguns detalhes mais privados. Sobre a minha mãe, Clara nunca apontou um dedo; já ao contrário isso não acontecia. A minha mãe dizia que Clara era egoísta e demasiado rancorosa. Eu não entendia, nem conseguia ver essas características nela. Insisti várias vezes para saber os motivos, mas nenhuma se descosia e acabei por desistir, até porque tinha, também eu, os meus problemas com que lidar.

Liguei a Clara e disse-lhe que a minha mãe tinha morrido. Ela apenas respondeu:

— Trá-la para a Madeira. Ela tem que ser enterrada cá.

A minha mãe já estava muito debilitada e tinha lapsos enormes de memória. Reconhecia-me poucas vezes, embora eu lhe distinguisse nos olhos uma espécie de espelho onde, ao ver-me, reconstruía parte da sua juventude. Morávamos juntas desde que deixara Fred e decidi que queria cuidar dela. Era, também, uma forma de enfrentar a

minha solidão, já que me encontrava totalmente desfeita pela separação. Esteve comigo até ao fim. Era teimosa na sua rotina, gostava de acordar cedo, de tomar café à janela e de sair ao fim da tarde, mesmo que chovesse. Ficou tantas vezes constipada por culpa da sua teimosia. Apreciava toda a espécie de chá, mas a sua esquisitice com a comida piorava gradualmente. Se um dia gostava de arroz, no seguinte já podia detestá-lo, e eu fazia muitas manobras para que comesse. Emagreceu muito. Foi a minha filha durante alguns meses e isso tem tanto de bonito quanto de estilhaço. Aos domingos, levava-a à missa, porque decidira ser católica nos últimos tempos, mas creio que só ia para olhar as outras pessoas nos olhos e contar a sua vida. Adorava partilhar tudo sobre o seu passado, como se fosse um drama, e as pessoas ouviam com atenção, algumas com olhar duvidoso, outras de admiração, e eu era obrigada a cortar a conversa a meio, desculpar-me, dizer que era tudo verdade, mas que a mãe estava doente e já não sabia quando era inoportuna. Ela acusava-me de querer apagar o passado, de anular a sua vida, e ficava verdadeiramente aborrecida comigo. Fazíamos as pazes à noite, durante o jantar, quando lhe dava a sopa à boca e ela perguntava se eu já não gostava dela.

— Amo-te muito, mamã — dizia-lhe sem hesitar, com toda a verdade que conseguisse encontrar e o tanto de amparo que ela precisasse naquele momento.

Quase sempre chorava e retribuía-me o amor com beijos de boca suja, olhos molhados e dedos nervosos. Usava-os cheios de anéis e vou sentir falta do tilintar na caneca de chá, enquanto ficava quieta, atrás da janela, a observar a rua.

— Foi assim que conheci a Ana Clara... — contava-me todos os dias, como se eu não soubesse de cor aquela história. E descrevia tudo, novamente, com detalhes, alguns acrescentos, muita emoção e, sobretudo, a vontade de regressar àqueles dias. — Foram tempos muito duros... — acrescentava —, mas eu dava tudo para voltar a eles.

Quando terminava, lavava a chávena, cuidava das plantas e retornava ao quarto, onde fechava a porta e chorava. As lágrimas dela doíam-me, mas eu sabia que aquilo era parte do confronto entre passado e presente, da vida pulsante com a vida por um fio.

Outro dos seus passatempos favoritos era folhear álbuns de fotografias e ver os rostos das antepassadas. Tinham todas os mesmos traços, também herdados por ela e por mim, mas a característica mais proeminente das Fontoura era a testa larga e as sobrancelhas bem marcadas.

— Isto é que eram mulheres a sério — dizia.

Depois, olhava para mim, de repente, e perguntava:

— O Fred não vem jantar? Queria mostrar-lhe estes retratos.

Isso magoava-me tanto, mas perdoava-lhe o lapso de memória. Por vezes, ouvia-a dançar pelo quarto, mesmo sem música, avançando com os pezinhos descalços e soltando gargalhadas. Dividia o quarto com um gato que trouxera da rua, a quem dera o nome de Alecrim, e o bicho ficou miserável depois da sua morte. Eram companheiros e, acima de tudo, cúmplices da traquinice, gostavam ambos de comer coisas erradas, de sair para o jardim quando chuviscava e de esconder maldades pela casa. Um dia, encontrei um rato morto no tapete da cozinha. Dei um grito e a mãe veio logo ver o que se passava.

— É um presente do Alecrim, filha, aceita-o. — E ao mesmo tempo esticou as mãos em concha, onde, também lá, se enrolava um rato, ainda vivo, sereno pelas carícias que ela fazia nas suas orelhas.

A mãe e o Alecrim dormiam juntos, acordavam ao mesmo tempo e conversavam um com o outro, longas conversas filosóficas, sobre a vida humana, a vida dos pássaros e a vida dos gatos. Ela falava e ele respondia com miados longos; ela retorquia e ficavam naquilo a manhã inteira. Não me admira nada que o gato esteja tão desconsolado. Decidi que o Alecrim também viria para a Madeira, assim que Clara me pediu para trazer o corpo da mãe. Levo-o comigo até ao lar onde Clara vive. Pode ser que queira ficar com ele e se animem um ao outro.

É um sítio bonito, às cavalitas do Funchal. Resguardado por uma série de árvores de copas frondosas. De fora, só se consegue ver parte da telha. Os pássaros cantam, há uma série de canteiros com flores e ervas aromáticas e o alpendre tem várias cadeiras em vime, com assentos almofadados, em tons de alperce. Clara está sentada num deles, sozinha, com os olhos postos num livro e uma manta pousada nos joelhos frágeis. Assim que me vê, tenta levantar-se.

— Calma, eu já chego aí — garanto-lhe e vejo a ansiedade com que me quer abraçar e beijar, sentir o coração e ver se me tenho alimentado bem, como sempre fez desde que nasci.

Sou a única pessoa com quem Clara fala neste momento. Desde que para aqui veio, foi como se regressasse à casa do pai, no Caniço, e se recolhesse no seu próprio silêncio.

— Tive tantas saudades tuas — diz-me, gulosa dos meus dedos que beija furiosamente.

— Estive aqui ontem, não passou assim tanto tempo. — Sorrio-lhe.

Num impulso, uma tristeza invade-me. Clara percebe-o e esfrega as mãos nas minhas. Decoro-lhe os sinais de velhice, porque, um dia, também eles me farão falta. Parece exausta, provavelmente por causa do funeral.

— E agora, Clara? — não sei por que lhe pergunto isto.

O que pretendo que ela me diga? Que também perdeu a vontade de viver e que imagina o momento em que morre agarrada à falta de ar?

— Agora, espero — responde tranquilamente, acompanhada por uma tosse que não me agrada. — Espero que chegue a minha vez, porque já fiz tudo o que tinha para fazer e estou muito cansada.

— Quero que esse dia demore — admito, com sinceridade. — Não aguento mais uma morte... principalmente a tua.

Ela abraça-me e ficamos as duas enterradas no colo uma da outra. Eu, de olhos fechados, ela, expectante em relação ao tempo que é tão diferente para cada uma de nós.

— Trouxe-te o Alecrim — empurro a transportadora para os pés dela e abro a portinha para que ele possa ambientar-se ao jardim. — Era o gato da mãe — apresento-o. — Está deprimido lá em casa, acho que ficará melhor aqui contigo.

Clara tira-o da caixa e coloca-o ao colo, já a ronronar, com a cauda toda esticada à espera de carinho. Reconhecem-se na solidão e na dor da partida da pessoa mais importante das suas vidas.

— A enfermeira disse-me que já nem falas com elas — sintetizo, apenas por descargo de consciência.

— Sou uma pessoa peculiar, Oti. Nasci calada e morrerei calada, pelo meio, falei, apenas porque foi necessário.

— E não te custa?

— Não — declara, como se lhe custasse mais a negação que a situação em si.

Não insisto. Saio da cadeira e sento-me no chão, entre as suas pernas, o intervalo quente e o cheiro a mulher, que me adormece às suas coxas. O gato salta para o chão e estica-se ao sol. Ela faz-me festas no cabelo, algumas pequenas tranças, ou enrola as pontas ao dedo áspero. A morte da mãe trouxe-me o confronto com a realidade de estar só. Sinto que estou a enfrentar o luto, ao mesmo tempo que reajo à separação de Fred. Viver com ela não me fez desesperar, mas agora falta-me ela e falta-me ele.

Olho para Clara. Ainda bem que a tenho. Sinto-me em casa e, apesar de a mãe ter partido, ficou metade dela e isso para mim é suficiente. Não estou sozinha, nunca estarei sozinha, tenho este anjo às costas, que me pressiona os nós do pescoço e murmura um fio de história, baixo o suficiente para eu ser a única que o ouve.

PARTE I

Borboletas à janela

1

Lagartas

la · gar · ta
(latim lacerta, -ae, lagarto)
nome feminino
[Entomologia] Primeira fase da vida dos insetos lepidópteros.

1976

Gostava de olhar para o céu e ver o formato das nuvens. Certas vezes, procurava por imagens e esquecia-me que as fotografias são colocadas nas paredes e não no céu. Julgava que o céu era um grande teto e o mundo a casa imensa onde habitamos. Há nuvens com formas engraçadas. Se pudesse escolher as minhas favoritas e transformá-las em balões, seria fácil: o porco, a caricatura de um palhaço e a panela de milho cozido. Diria que até lhe sinto o cheiro, mas são enganos traiçoeiros que a saudade pinta. Gostava de olhar para o céu e perceber que somos tão pequenos. Se entendêssemos, na exatidão da pequenez, quão minúsculos somos, se calhar ficaríamos em silêncio, porque as palavras de nada valem.

Eu não gosto de falar. Nunca gostei. Não é que não tivesse ou tenha coisas para dizer, mas basta-me o céu. Ele ouve-me, ouve toda a gente, e, se ouve, para quê falar? Seríamos mais felizes se comunicássemos em silêncio. O barulho dói, o movimento dói e no silêncio cabem todos os vocábulos necessários para sermos inteiros.

Eu era pequena-pequena. Dentro do grupo das pessoas, todas minúsculas se comparadas com o céu, havia as pequenas-pequenas e as grandes-pequenas. Eu gostava de ser pequena-pequena. Não havia nada de bom em ser grande-pequena, como o meu pai. Ele tinha tanto trabalho para cuidar de mim. E quem cuidava dele? Ninguém cuida dos grandes-pequenos e, por isso, queria ser, para sempre, pequena-pequena. Achava que as pessoas pequenas-pequenas cabiam no céu, porque o céu é onde brincam as despreocupações. Eu tinha algumas

preocupações; diria que eram tragicamente extensas quando pensava nelas, mas ao olhar para o céu compreendia que se somos todos minúsculos, os problemas minúsculos são. Claro que eles crescem se fores uma pessoa grande-pequena, contudo essas têm muito entendimento da vida e das coisas e conseguem arranjar soluções.

Um dia, deitei-me a olhar para o céu no chão do meu quarto e fixei-me numa nuvem sem jeito. Ela torcia-se nas pontas, enrolando-se em montinhos que formavam pequenos vales e montanhas de medidas desproporcionais. O sol aquecia-me e eu sentia a pele em perfeito funcionamento. A epiderme, a derme e a subcutânea e, ainda, as suas diversas subcamadas, mecanizavam a receção do sol, transformando raios em calor e calor em alegria. Distinguia os folículos e as glândulas sebáceas e sudoríparas em dilatação, pequeníssimas boquinhas que abriam e fechavam, como se comessem a luz, metamorfose de vitaminas. Deixei de olhar para a nuvem disforme e concentrei-me nos braços.

Abandonei os estudos depois de aprender a escrever e a contar. O meu pai achou que assim devia ser, já que eu não falava, ou, sequer, brincava. Concordei com ele, pois uma sala cheia de crianças era sinónimo de barulho e movimento. Fui para casa e aprendi sozinha sobre as coisas das gentes, dos animais, das plantas, do universo, das cabeças e das invisibilidades. Não sabia tudo, nem quase nada, mas se havia assunto que dominava era o da pele.

Nesse dia de sol manteigueiro, deitada no linóleo do meu quarto havia quase uma hora, após diálogo direto com a nuvem destrambelhada, encarei os meus braços e distingui a danificação da pele. Microscópicas células imunitárias deslocavam-se e tentavam reparar a barreira danificada e ultrapassar a infeção que se formava. Do nada: um prurido incómodo. Cocei a zona e fechei os olhos, na cegueira que o sol das três da tarde proporcionava. Ao olhar de novo para os braços, já havia ferida em processo de cicatrização. O sangue coagulado formava uma membrana com uma superfície dura que se pegava à ferida. A crosta tinha cor de tabidez e, ao encostar o nariz, senti que dentro de mim habitava o hálito da decomposição. Sem falhar, as células mortas e danificadas e o seu tecido conectivo eram decompostas e dissolvidas

pelas enzimas. Esse processo tinha som de máquina ativa - *tum-tum-ta, tum-tum-ta*. Ao mesmo tempo que as células que protegem o corpo digeriam essas bactérias e células mortas, ficavam ativas, elétricas. *Uma salva de palmas para a eficiência*. Os meus olhos esbugalhavam perante a perfeição do corpo humano, ao mesmo tempo que o sol continuava a queimar-me e a nuvem desfigurada ficava, ela também, com queimaduras de terceiro grau. Os fluidos linfáticos chegavam, por fim, às minhas feridas. Nesse momento, tentei respirar e resguardar-me do barulho e do movimento dolorosos, mas as novas células, juntamente com brotos capilares, tecidos conectores e fibras de colagénio, formaram a epitelização. Era a altura de gritar e esquecer que os problemas tendiam a ser minúsculos, como minúsculas são as pessoas.

No céu não existiam problemas e eu, pequena-pequena, normalmente sabia isso, exceto nessas situações de rasgão da consciência em que o exíguo passava a ilimitado. Gritei, plena no corpo que me ardia, na impotência de me fugir à minúcia da minha pele trabalhadora, no barulho e movimento medonhos. Nessas ocasiões, não havia céu que me respondesse, nem formato de nuvem que me animasse, ou, sequer, a benfeitoria do meu pai, que logo me acudia e colocava em posição de segurança.

A posição de segurança tem muito que se lhe diga. Nunca era a mesma, mas tinha sempre a finalidade de me trazer de novo à redoma céu-terra, compreender a minha pequenez e a pequenez daquele problema em específico. Por vezes, era com os braços cruzados sobre o peito e presos pelas mãos fortes do meu pai. Noutras, havia a necessidade de me amarrar as mãos e contorcer o corpo até ficar em meia-lua triste. Costumava demorar alguns minutos até a calmaria tomar conta de mim. O que se passava a seguir era pior que o próprio momento: a angústia da incerteza, as dores dos espasmos, a dúvida sobre quem sou eu, as razões para esta forma de ser, a perplexidade do viver presa a uma cabeça que não queria falar.

Que não precisava de falar.

Que não sabia falar para fora.

O meu pai chamava-se José. Era velho e reservado. Construía coisas em madeira e passava o dia inteiro na carpintaria que tínhamos em casa. Primeiro, escolheu essa profissão por causa da minha mãe, depois, por minha causa, já que precisava de estar sempre perto de nós e havia poucos ofícios que não exigissem uma jornada longe. Antes de conhecer a minha mãe, trabalhava num escritório de contabilidade na cidade, perto da Avenida do Mar. Contava que a tinha visto no Lido e que fora amor à primeira vista — estava linda num fato de banho às bolas azuis e brancas. Não consegui decorar os passos que levaram esse namoro ao casamento, tampouco quanto tempo demorou, o que aconteceu na cerimónia, quem foram os convidados. Eram coisas que não me interessavam.

Interessava-me, sim, e com o máximo de detalhes, saber que a minha mãe usou um vestido em linho bege, com pormenores rosa em *matelassê* e organdi. Adorava contar os tons de rosa:

lavanda,
amaranto,
cravo,
flor de cerejeira,
cereja do Japão,
borda,
neblina,
calamina,
lago dos cisnes,
pétala intocada,
algodão doce,
senhora,
azálea,
rosa chiffon,
etérea.

Ao fundo: a desolação.

O sapato era rasteiro, porque sofria de enxaquecas frequentes, e não quisera adornar-se com flores, para não piorar as hemialgias. Maquilhou-se sozinha, e o rosto que encontro nas fotografias é o de uma mulher cansada, sem vida, sem luz e sem esperança. Creio que

puxei à minha mãe no que ao falar diz respeito. Ela também não era de grandes pronunciamentos e, por isso, o meu pai culpava-a pela minha condição.

Nesse dia que me rasgava a pele, consequência-miragem da minha exposição ao sol, o meu pai abraçou-me de braços fletidos e beijou os meus longos cabelos. Nunca cortara o cabelo nessa época. Abraçados, enquanto esbracejava e sentia o afogamento, ele transportava-me para a minha infância, para o colo da minha falecida mãe, para o ventre da sua loucura, para a pré-existência de mim, quando eu ainda era um sonho. Cheirei a madeira que dele exalava e, embora também me doessem alguns cheiros, a verdade é que aquele me trazia alguma paz, provavelmente por ter passado nove meses e seis dias na pança da minha mãe, metida na oficina.

Sou feita do cheiro a madeira.

O meu pai sentou-me na cama, a voz firme e sagrada, soprando ao encontro da minha pele, enquanto dizia que não tinha nada, que era uma ilusão, uma mentira, uma conspiração da minha cabeça contra mim própria, que o sol não ardia assim, que a pele não se mostrava daquela forma, que era impossível tal coisa acontecer, que os problemas eram pequeníssimos e que eu era...

— Pequena-pequena, sossega-sossega, o pai está aqui, nada de mal pode acontecer, eu cuido de ti, sempre cuidei, mais ninguém cuida, mas eu cuido, pequena-pequena, sossega-sossega.

Ao olhar para ele, amadeirado, de olhos castanhos, roupa sombria, braços de carvalho seguro, barba de serragem e autoridade no tom, senti que só deveria permitir as invasões do amor, aquele amor intenso e incalculado que vibrava por ele. Perscrutei os meus braços e nada encontrei além de ramificações, a pele pálida e os pelos escuros, as gotas de suor, a febre do alboroto. Nesse dia e nos outros, passei grande parte do tempo no quarto, testemunha de que se havia razão para o meu eu existir, ela estava naquele homem.

Afinal, o céu não chorava.

Durante muito tempo, pensei que a água que caía na vertical, com mais ou menos força, era sinal de tristeza do céu; que ele se rompia em desagrado e deixava os milhentos olhos fazerem o que lhes competia.

Pensei que o céu tinha um grande amor de verão, que se vestia de azul-celeste, como se vestem as rapariguinhas enamoradas, e, de coroa florida à cabeça, passava julho, agosto e setembro na dança ritmada da sedução. Em outubro, zangava-se, a primeira discussão, um choro miudinho e muita melancolia ao vento. As folhas amigas, confidentes dos problemas, sob a necessidade de uma mantinha às pernas. Depois, o inverno: o grande final, a controvérsia derradeira, o grito do trovão, o entusiasmo febril do relâmpago. No dia mais curto do ano, a separação, a gabardina longa, cinzenta; o céu cinzento, cinzento-escuro; a prata a deliquescer pelas ruas ensopadas. A primavera trazia a reconciliação ou, quem sabe, um novo amor, se o céu não for de além-mundos e se fartar do ritual.

Mas, afinal, o céu não chorava.

A chuva acontece por razões óbvias e cientificamente explicáveis, e eu que preferia a poesia dos meus pensamentos. O meu pai chamava-me de poetisa torta. Poetisa, porque gostava de rabiscar pequenos versos às folhinhas dos cadernos; torta, porque por mais que escrevesse, não falava, e isso, se calhar, fazia-me menor, embora não concorde com essa diminuição das coisas considerando a palavra escrita versus a palavra falada.

Um novo vizinho emprestou um livro ao meu pai, que mo passou depois. Folheei-o e deparei-me com o ciclo da água, ou ciclo hidrológico, referindo-se à troca constante de água na hidrosfera, entre a atmosfera, a água do solo, as águas superficiais, subterrâneas e das plantas. Descobri que o céu não é, assim tanto, dono de tudo, por muito minúsculos que sejamos, e somos, mas há uma espécie de liderança conjunta entre todas as coisas, incluindo a água, que faz a chuva. O ciclo da água principia-se com a energia solar que incide na terra, do mesmo modo que eu me estendia no quarto e me permitia à absorção da luz.

Eu-terra, Ana Clara das raízes profundas.

Da mesma forma que transpiramos, as plantas e todos os seres vivos também transpiram, sendo a água transferida da superfície terrestre para a atmosfera, nisto a que se chama de evaporação direta. Esse vapor de água, qual hálito morno da terra, é transportado pela circulação atmosférica e condensa-se após percursos muito distintos. Em seguida,

há um pouco de magia e a água volta à terra na forma de chuva, granizo ou neve, não havendo metáforas ou simbolismos. A natureza é crua nos seus desígnios e o céu não é uma moça enrabichada, tampouco se veste de azul para o namorisco.

Não tive um namorado nessa época, embora me vestisse de azul sempre que eu e o pai íamos à cidade fazer compras maiores e recados importantes. Custava-me estancar o olhar nalgum possível candidato, porque me sentia desconfortável no limiar dessas trocas. Mantinha a cabeça baixa e retinha-me no movimento contínuo das mãos, uma sobre a outra, a palma da direita em contacto com os dedos da esquerda, em batuquinhos de presença, pois se o deixasse de fazer, o corpo seria sugado pelo céu.

Certa vez, já adolescente, cismei com um rapaz e tentei que ele reparasse em mim. Adorei-lhe o bigode cuidado e o corte de cabelo. Senti afinidade com o misantropismo com que carregava as caixas de fruta para o mercado, fechado em si mesmo, circunspeto nos seus assuntos. Será que pensava no ciclo da água? Nesse dia, chovia espaçadamente, porém em doses esbanjadoras, e tivemos de nos abrigar à entrada dos Lavradores, e o jovem também. Às sextas, o Mercado enchia-se de vendedores e compradores, quilos e quilos de fruta da época, as mais caras só para os turistas, e também havia floristas trajadas a rigor e a vida era transformada na música das ladainhas, das vendinhas, dos troquinhos bem contados. Ficámos lado a lado, com as gentes encostadas umas às outras, e provei-lhe o toque do braço, a subtileza do cheiro a suor. Quanto mais perto estava das pessoas, maior era a minha angústia em não ser sozinha; queria ser sozinha, já que achava sermos demasiados a habitar. O pouco espaço incomodava-me. Se tivéssemos ficado à distância, se não houvesse a necessidade dos olhares, se fosse permitido nos apaixonarmos no fio do intervalo, nos metros de separação, em danças dos braços longínquos e das palavras mudas, creio que teria sido meu namorado. Ele era bonito ao longe: monstruoso no espaço da minha inquietude. Odiei-lhe o bigode aparadinho e o cabelo à tigela. Senti repulsa pela seriedade e presença firme. O roçar das peles, embora protegidas pela roupa, conduziram-me à alienação interior e eu soube, nesse momento, que nunca haveria um namorado

para mim, porque eu não era namorada para ninguém. O pai percebeu o meu início de crise, acercando-se por trás, o queixo à minha cabeça e o peito moldura de mim.

— Saiam todos, ela vai ter um ataque, é deficiente, saiam todos.

Assim que soou o aviso, dobrei-me em nó de pessoa, escondendo a cabeça aos braços enrolados, e murmurei a penitência da minha condição. O pai segurou-me como pôde, levantando-me hirta, qual pedra da ribeira, e foi-me afastando da multidão que fugia da chuva.

— Pequena-pequena, sossega-sossega, o pai está aqui, nada de mal pode acontecer, eu cuido de ti, sempre cuidei, mais ninguém cuida, mas eu cuido, pequena-pequena, sossega-sossega.

Afinal, o céu não chorava.

Eu chorava.

Uma das únicas formas que tinha de comunicar era o choro. Ele falava pelas sensações, fossem boas ou más, de renúncia ou desespero. O meu ciclo da água funcionava assim: estava bem, algo me incomodava, as gotículas juntavam-se para me proteger do incerto e subiam até aos olhos, mergulhando quando o que estava a sentir precisava de ser libertado. Eu gostava de chorar, ficava cansada, mas depois sentia-me melhor. O meu pai não entendia essa necessidade de chorar; achava que era exagero, que era por teimosia ou chilique ou do demasiado tempo livre. Não o censurava, uma vez que dedicava toda a sua vida à minha existência, impossibilitando-se de voltar a casar e sabendo que o seu resto de existência seria comigo, sozinha e solteira, dependente dele.

As pessoas grandes-pequenas durariam para sempre? Eu achava que não. A minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos. Nunca esqueci esse número, porque, para além de ser a minha idade na época, foi também no dia cinco do mês cinco; uma mão cheia de dedos a dizer-me adeus.

Adeus, adeus, mãe!

Quando ela morreu, não percebi o que aconteceu. Entendia que ela não estivesse connosco, mas, tendo existido, isso não a fazia imortal? Tinha todas as suas lembranças, usava alguns dos seus vestidos, via panelas de milho cozido nas nuvens, e o cheiro que teimava em voltar,

recordava as cantilenas ao pôr-do-sol e os olhos constantemente infelizes, na calada dos dias que viravam noites de insónias, abraçada a mim. Ficou-me gravado o seu cheiro. As notas de saída cítricas, as notas de coração de flor de laranjeira e as notas de fundo intensas, como canela ou noz-moscada. O pescoço e os pulsos muito sumarentos e eu, garota e sofredora com os cheiros, só concebia aqueles em particular, qual ninho de onde nunca deveria ter saído.

Adeus, adeus, mãe!

Mais por falta do que por entendimento, chorei, e aquele foi o único dia em que o céu chorou. Os nossos ciclos da água em sintonia. Eu era pequena e olhava para a minha mãe como quem olha para uma pessoa virada do avesso, cheia de costuras à vista, e pensava que, por mais que a amasse, não queria ser como ela quando crescesse. Amar tem destas coisas. O significado pleno de um coração maior, mas também a consciência de que não temos de ser como quem amamos. A minha mãe era muito doente. Não sei se o diagnóstico seria o mesmo que o meu, porém havia um tanto de carências dentro dela. Acho que nunca foi feliz e isso é desolador. Minto: houve um dia em que, certamente, foi feliz. Chegou a casa, numa das poucas vezes que saía, repleta de luz e gargalhadas. Até os olhos sorriam. Durante uns tempos, manteve-se mais ou menos em constante alegria, mas durou pouco. Rapidamente, regressou ao sorumbático, vivendo mais algumas semanas em modo depressivo, até ser levada pela procissão das cinzas. Eu, apesar de tudo, das limitações, das crises, da incapacidade de falar e do isolamento a que me permitia, conseguia ter momentos de pureza, e a pureza é o sinónimo mais completo da felicidade.

O meu pai amou-a assim, mesmo fragmentada, e isso emocionava-me.

Não poderia haver amor maior do que a capacidade de entrelaçar os olhos nos do meu pai e de ele compreender a minha solidão. Éramos sozinhos e, apesar de juntos, cada um enfrentava os seus próprios demónios. Ele sabia poucas coisas, embora fosse excelente com números, não estudou muito e trabalhou desde cedo. A madeira tornou-se o seu talento e as incertezas da minha condição o seu maior tormento. Sempre se esforçou por me respeitar, embora não sobrevivesse na forma como tentava interpretar a minha dor. Acho que o meu pai

foi destinado a servir as mulheres doentes. Foi assim com a minha mãe; foi assim comigo; e eu, sendo pessoa pequena-pequena, ficaria na terra o tempo que ele ficasse. Não vivíamos um sem o outro, ainda que eu achasse que ele viveria melhor sem mim. Essa constatação tinha tanto de profético como de apaziguador. Gostaria de não ser um estorvo na vida do meu pai, mas da vida e de habitar nela. Quando me doíam as coisas inexplicáveis e eu reagia em função do desconhecido, o pai não era capaz de agir com carinho. A sua atitude era de frenesim, a rispidez nas mãos que me agarravam e o aperto da voz nas palavras duras. Odiava que ele dissesse que eu era deficiente, apesar de o ser. Era uma máquina em constante avaria, e o arranjo nunca seria possível.

De vez em quando, imaginava-me como determinados objetos. Poderia ser um balão, se os balões fossem feitos para a liberdade. Ser um balão de dentro de casa não é realização para ninguém; ser balão de céu aberto é o auge do infinito. Gostaria de ser balão e de alcançar o céu, enrolar-me nas nuvens e fazer parte daquilo que nos cobre as cabeças. Viver lá em cima, longe dos barulhos e dos pensamentos, das interrogações e dos movimentos, deve ser assombroso. Viver em constante silêncio, no respeito pela mudez do azul, vestir-se de escuro ou claro consoante a hora do dia; dividir o comando do belo com o sol e a lua. Ser a princesa dos raios de luz e da poeira das estrelas. Estava no meu castelo e, quando me refiro a isso, não menciono paredes e uma torre alta. O castelo era a minha própria mente, onde me sentia prisioneira de uma existência febril. Se fosse objeto, poderia ser o fio de um quadro, na casa de alguém cujo marido bebesse, o filho tivesse problemas com a escola e o gato vivesse numa luta constante contra as pulgas. E eu sempre virada para a parede, apenas sabendo que pesaria como o diabo.

Nasci numa noite quente e abafada de agosto, em finais de cinquenta, na mesa de trabalho do meu pai; o corpinho minúsculo batizado pelas aparas de madeira.

Eu, Ana Clara, esculpida do lenho.

A mãe deambulava pela casa, porque muito do que ela fazia era exatamente isso: configurar-se fantasma e habitar os cantos escuros do

corredor e frechas das portas. Nessa noite em particular, a mãe saiu da cama mais cedo, nem três da manhã, e ficou por alguns segundos posicionada diante do espelho, como se essa análise à barriga proeminente determinasse o meu nascimento. Não estava, nem era, especialmente bonita, como eu também não sou, havendo no entanto um luar de esperança nas maçãs do rosto e centelhas de boa-nova nos ombros espigados. O pai percebeu que ela saíra do quarto, mas não ligou, tal era o hábito noturno das vagueações. A mãe fazia-o descalça, fosse verão ou inverno, sendo que o frio à pele dos pés era a única certeza de que zaranzava viva, ainda que viva-morta, pelos espaços. A mãe receava não conseguir amar-me ou, sequer, gostar de mim. Compreendia na plenitude a aflição desse medo, porque eu não conseguia nem pretendia amar alguém que não fosse o pai, meu protetor, e a mãe, em lembrança e memória bem presentes. Certas vezes, julgava que era ela, restos da sua permanência no mundo; um bocado do que ela fora e a soma do que poderia ter sido, se não fôssemos mãe e filha vivas-mortas. *Nem a nossa combinação resultaria numa pessoa inteira.*

Com as mãos posicionadas em forma de coroa na barriga, a mãe saiu da sala e desceu as escadas em direção à oficina. Estava tanto calor quanto o necessário para fazê-la suar sem esforço. O cabelo colava-se à testa e a camisa de noite parecia restos de pele. Abriu a porta e entrou, inspirando o hálito sacarino da madeira, o carvalho benzido, a cerejeira matizada, o mogno escuro, o pinho intenso. De repente, sentiu-se na floresta, rodeada por árvores, abraçada à natureza, ela própria erva estendida às rochas. No recôndito do ventre, recebeu a mensagem.

Estava na hora.

As águas bolsaram pernas abaixo, a dor foi grosseira e o espasmo inesperado. Deitou-se na mesa das construções, areou o vestidinho à altura dos joelhos e gritou como gritam as fêmeas parturientes de todas as espécies: uma sombra de rosto rasgado, pois a dor tem tanto de físico quanto de sentido. O meu pai ouviu o uivo e apressou-se para o encontrar. Quando entrou na oficina, a minha cabeça, cheia de cabelo, já transformava a visão lasciva de mulher de pernas abertas em algo grotesco. O pai não soube o que fazer, mas a mãe tinha o instinto necessário e procedeu cada passo com distinção.

Fui embrulhada numa toalha macia, entretanto trazida pelo pai, e envolvi-me no abraço daquela mulher. A mãe não me amou intensamente; talvez nem um pouco, ainda afligida pelas dores lancinantes; no entanto, sentia-me sua, quiçá parte de si, membro do seu corpo, órgão vital do seu interior e, por esse motivo, tomou a promessa de me cuidar com afinco, ainda que fôssemos ambas espetros feios de um mundo real.

Durante muitos anos, não conversei com a minha mãe. Quando me refiro a muitos, quero dizer dois ou três, o que é um período de tempo bastante amplo para uma criança que perdeu a mãe aos cinco, e, quando me refiro a conversar, pretendo dizer soltar frases. Eu sabia dizer as palavras e elas cravavam-se na língua; no entanto, não havia grande significado em dizê-las se a mãe me granjeava com o olhar e o contacto de pele com pele. Murmurávamos sentidos, espécies de miados expressivos e minúsculos frufrulhares nos biquinhos com que nos beijávamos. A mãe era a única pessoa a quem eu tolerava abraços apertados, sendo que odiava sentir-me encurralada. A nossa coexistência era praticamente em simbiose: um mesmo espírito ingrato dividido por dois corpos ausentes.

A primeira vez que lhe disse alguma coisa foi um tímido não, fugido da caverna da minha inocência, uma tentativa de impor a minha vontade de não sair. A mãe também detestava saídas, mas naquele dia era muito, muito importante, disse-me ela, a mais importante saída dos últimos tempos. Reparei em duas malinhas na entrada e que o pai não estava em casa; não entendia bem a insistência em sair ou as razões ou a prevalência da vontade dela ao abanar da minha cabeça. A mãe estava nervosa, olhava para todos os lados, implorava-me que cedesse àquele pedido.

— Nunca mais te peço nada na vida.

Os olhos tremidos na água. Quanto mais ela mo pedia, menos eu compreendia a necessidade e o desespero. Aquilo tornou-se uma luta de anjos indignados. Assim que percebi que por gestos não iria conseguir, quando vi que ela me carregaria ao colo, lancei-me à procura da minha voz, tomei-a nos braços e avancei com coragem.

— Não!

A mãe estancou. Reparei que usava um vestido branco, como os fantasmas, e estava pálida, transpirada, com duas olheiras imensas a escurecer os olhos já escuros. Contemplou-me; quiçá pensasse que eu era realmente muda e aquela negativa, que saíra tão perfeita, tão cheia de sentença, cambiava-lhe todos os planos. Depois, disse-me algo que foi o início da nossa separação.

— Pedes-me isso e vou concordar, embora me custe a vida.

Deixou-me sentada no chão do quarto e afastou-se, pegando nas malinhas e fazendo-as desaparecer da mesma forma com que tinham surgido. Fiquei o resto do dia sem comer, mas também sem chorar, porque aceitei que pudesse ser um castigo. Também não fui à casa de banho. Na verdade, na posição em que ela me deixou, foi a posição em que permaneci até o pai voltar e me encontrar faminta, sedenta, suja e cheia de dores, rígida, gelada e torta. O pai discutiu com a mãe, chamou-a de irresponsável, e ela não reagiu, como se nada do que pudesse ser dito fosse pior do que o sofrimento interno que a angustiava. Deitou-se na cama, às escuras, e dormiu durante vários dias seguidos, o máximo que se exprimia era no choro desconsolado e no assoar do nariz. O pai cuidou de mim o melhor que sabia, homem nada habituado às necessidades de uma criança, quanto mais de uma criança caprichosa em quietude:

— Pequena-pequena, sossega-sossega, o pai está aqui, nada de mal pode acontecer, eu cuido de ti, sempre cuidei, mais ninguém cuida, mas eu cuido, pequena-pequena, sossega-sossega.

Tentei várias aproximações à mãe, meti-me na cama com ela, ansiosa por um pouco de pele e por sentir o cheiro adocicado do seu peito, contudo não obtive mais do que um recuo. Recusou-me o corpo frágil como quem repele uma doença contagiosa. Fechei-me ainda mais na minha redoma.

Eu, rosa branca, envolta em vidro protetor.

Só sentia saudades da mãe que ela fora até esse dia. O depois foi confuso, como se não nos conhecêssemos ou ela me odiasse. Quis perguntar-lhe o motivo, saber se fizera alguma coisa que pudesse separar-nos daquela maneira e, por mais que pensasse e resgatasse as memórias, o sentido das coisas era cada vez mais introspetivo. Enquanto ela existia nos lençóis, eu sentava-me ao canto do quarto, virada para

a parede e observava os contornos do papel rosa. As cornucópias em *bordeaux* enrolavam os meus pequenos olhos e o pensamento espiralizava-se até formar um nó apertado no cérebro. Deixei de tentar pensar, concentrei-me na minha respiração, ouvia o som da entrada do ar e a circulação interna. Era tão catraia e estava tão aflita, que acreditava não poder vir a ser uma pessoa se a minha mãe continuasse a rejeitar-me.

Então, tentei ser parede.

Parede lisa, sem buracos ou rachas. Parede sem vida. Essa subsistência desértica durou mais alguns dias, até que a mãe desistiu de viver e quis ser nuvem. Não sei como o fez, não vi, porque permaneci na minha posição-parede, porém, o grito do meu pai e o aparato em que se transformou esse dia, significavam uma transformação bizarra. Durante a tarde, saí da parede e coloquei-me à janela, na tentativa de encontrar a mãe-nuvem. Chovia tanto, o céu chorava tanto, que parecia uma sopa de manchas disformes. Apreendi, aí, que tal como a mãe-terrena, a mãe-nuvem seria, para sempre, impercetível e aguada.

Os dias depois do enterro foram de pesadelo interno. Se há coisa em que o meu pai errou foi em levar-me ao funeral. Uma criança tão pequena não compreende os trâmites de uma morte, quanto mais uma criança como a que eu fui. Começaram aí os movimentos estranhos; de um momento para o outro, já não me reconhecia na minha natureza humana, mas sentia-me bicho enclausurado em jaula de espinhos. Assim que fechei os olhos nessa noite, senti que deitavam terra para cima de mim. Sentia-lhe o sabor na língua e os grãozinhos penetrarem as pálpebras, cegando-me de castanho prurido. Nesses instantes, a minha situação tornava-se ainda pior, na medida em que nem gritar sabia. Abria a boca, mas dela não saía o som da aflição; pelo contrário, entupia-se-me a garganta de cascalho, areia, pedrinhas, tudo de paladar amargo, barrento, enjoativo. Nunca mais consegui comer beterraba, porque é angustiantemente similar. Debatia-me com os braços no ar, pontapeava, sacudia-me nos lençóis que, na loucura do sonho, significavam o manto de terra que me cobria. Tinha tanta pena da mãe, encaixada na madeira, eternamente madeira, comida pelo buraco no chão. Se ela gritasse, ninguém a ouviria e isso perturbava-me imenso.

Anos mais tarde, decidi aprender sobre a morte. Deixei um recado ao pai, um bilhetinho na bancada da cozinha, em formato de quadra, pedindo-lhe que me arranjasse um livro sobre o corpo humano e a morte. O nosso vizinho era professor e tinha livros sobre tudo e mais alguma coisa, que me emprestava sempre que me surgia uma dúvida, embora ambos, o meu pai e ele, tivessem grandes desconfianças sobre a minha capacidade de aprendizagem. Três dias depois, o meu pedido foi atendido. Encontrei o livro de capa dura em cima da mesa da cozinha, *De Humani Corporis Fabrica*, um título que demorei a compreender, enquanto me abraçava ao pesado volume e tentava traduzir o seu significado. Tinha sete capítulos, organizados pelas diversas partes do corpo, e foi com ele que aprendi sobre os ossos e as juntas, com etnografia comparada, sobre os músculos, o coração e os vasos sanguíneos, o sistema nervoso e os órgãos abdominais, sobre os órgãos da região do tórax e o cérebro. Tudo era riquissimamente ilustrado, apesar de ser um livro de 1543 e de muita coisa, com certeza, ter evoluído, mas foi graças a ele que fiz as pazes com a morte e os funerais. Os meus amigos eram pessoas famosas e entusiastas dos estudos, que me ensinavam os mistérios da vida, fazendo companhia ao meu dia-a-dia. Vesalius tornou-se mestre da minha sabedoria anatómica, mentor do meu entendimento sobre o corpo, que não pode ser eterno, porque é demasiado perfeito no seu funcionamento, como uma máquina que tem prazo de validade, ou como um motor que enferruja com o tempo. Demorei quase um ano e meio a estudar, tirei apontamentos de forma frenética, decorei o nome de quase tudo e complementei o conhecimento sobre autópsias através da leitura de revistas, que o vizinho arranjava com um amigo médico. O limbo que separava o meu derradeiro medo da morte com a erudição era muito similar àquilo que distinguira o pensamento mágico, pré-técnico, em relação às enfermidades e à própria morte, dos avanços da ciência. No meu consciente, tal como no das origens da humanidade até a Grécia dos séculos VI e V a.C., as doenças e o perecer eram traduções da ação de entidades superiores, forças espirituais e ocultas. Por essa altura, faziam-se exames às vísceras do animal morto, sobretudo ao fígado, a hepatoscopia, não como forma de descoberta da razão da morte, mas como aruspício, ou seja,

para reter informações relativas ao futuro, deslindadas pelos sacerdotes adivinhadores. Estes acreditavam num deus que, sacrificando aquele animal, se identificava com o seu espírito, sendo as suas intenções refletidas naquilo que encontravam no fígado e procedendo ao vaticínio, a predição do futuro.

Eu, Ana Clara, sacerdotisa da morte inexplicável da minha mãe.

Mesmo que baseados no senso espiritual desses arúspices, esses exames resultavam em imensos registos importantes sobre as anatomias, normal e patológica, dos animais, saberes que, com o tempo, foram produzindo um manancial de conhecimentos importantes para a prática da autópsia. Os meus sonhos eram, portanto, fígado de animal aberto, mensageiros daquilo que eu realmente precisaria de alcançar sobre a partida da minha mãe. Na minha casa, entre quatro paredes e as páginas de um livro, abracei o paradigma da medicina e, assim como os médicos, passei a refletir sobre a doença, a cura, os seres vivos e a morte, deambulando pelos saberes fundamentais da psicologia e da ciência da natureza. Tal como no período técnico, deixei de entregar às causas transcendentes e não naturais o fenómeno da morte.

Eu, Ana Clara, investigadora da morte inexplicável da minha mãe.

Em certos momentos de maior aflição e esgotamento da dilucidação daquela morte, quando não havia muito mais que estudar e compreender no abstrato, ia até ao cemitério sozinha e desejava desenterrá-la, colocando-a sobre a campa para poder abrir o corpo e analisar minuciosamente o seu interior. Se não fosse praticamente muda e incompetente no meio social, talvez pudesse ir para a escola, depois para o liceu e a universidade de medicina e, quem sabe, descobrir a causa incompreensível da partida da minha mãe.

Quando terminei de ler e reler os meus apontamentos e de copiar, com papel vegetal, algumas das ilustrações do livro, sentei-me diante da janela e permiti-me à reflexão. Não me recordo de ter detetado qualquer sinal de doença física na mãe, ressalvando o facto de ter apenas cinco anos e poder acontecer eu não me recordar de tudo. O capítulo dedicado ao cérebro era extremamente confuso, extraordinariamente atrasado nas verificações e muito pouco elucidativo. A morte da mãe teria, com certeza, uma ligação ao lado psicológico,

uma vez que ela, assim como eu, vivia aprisionada na tristeza — sendo a dela maior — e na interrogação. Essa cogitação durou-me quase uma semana e, finalmente, compreendi a verdade: a mãe morrera de alguma melancolia, certamente de imensa angústia, quiçá de rasgos de desvairo provocados por algum trauma. Nos dias seguintes, sonhei com aquela derradeira frase, *Pedes-me isso e vou concordar, embora me custe a vida*, sentença da nossa separação, percecionando que fosse qual fosse a razão para aquela saída naquele dia, isso teria sido motivo de salvação. A cura. A *não* morte. A minha mãe eterna. Assim que escrevi a conclusão daquela autópsia figurativa e assinei o documento de letra garatujem, soltei um grito-trovão.

Eu, Ana Clara, assassina da minha mãe.

Passei várias semanas de cama após essa descoberta. Não disse nada ao meu pai, porque temi que me odiasse e expulsasse de casa. Escondi a minha tese científica debaixo da cama, cingi-me ainda mais ao estritamente necessário para sobreviver e homenageei os últimos dias da minha mãe, comportando-me tal e qual ela. Fi-lo, sobretudo, para compreender de que forma uma tristeza imensa se transforma em prenúncio de morte, o que leva uma pessoa à ação. No presente, seria muito fácil perceber que ela estaria com uma enorme depressão, mas, naquela época, não se dava importância aos bichos da cabeça. No início, o meu pai temia que o meu desfecho fosse idêntico ao da minha mãe, acercando-me constantemente, com perguntas sussurradas com carinho, mas, também, de muita ansiedade e desentendimento, traduzidos na forma ríspida como me sacudia. Em nenhum momento, achei que a morte fosse a porta de saída e essa é a grande diferença entre a minha condição e a dela. Ao vigésimo quarto dia de auto-internamento, decidi sair da cama e tomar banho. Percebi um misto de alívio e desânimo no meu pai, como se, por um lado, ele quisesse muito a minha recuperação e, por outro, ansiasse pela sua libertação. Não o condeno minimamente, porque viver em apneia é cansativo e perigoso, no entanto o fim do meu interregno significava, igualmente, o início da minha investigação maior.

A mãe não saiu naquele dia por minha causa, mas o que a levaria a querer sair? Que motivo maior era esse? Que esperança encontraria

no lado de fora? O que seria tão grandioso que a sua renúncia significava deixar-se morrer? Depois do banho, preparei uma panela de milho, da mesma maneira que ela o fazia, e fritei alguns chicharros. O pai parecia confuso e não desdenho dessa postura, pois só eu poderia compreender a minha necessidade de viver e recuperar a memória da minha mãe. Comemos em silêncio, embora ele fosse contando, nos intervalos em que soprava a papa de milho fervente, no que andava a trabalhar ou que objetos havia construído.

— Tenho andado a fazer algumas coisas para o vizinho, o professor, sabes, o que te empresta os livros. Tem a esposa bastante doente e precisa de melhores acomodações. Tenho feito um bom dinheiro. Posso comprar-te uma coisinha melhor pelo natal.

Sorri perante a certeza do meu pai de que eu ainda celebraria o natal com a mesma emoção de quando era criança, mesmo que nunca tenha sido especialmente demonstradora de muito alvoroço. Depois, contou um dos casos do dia. Ele gostava de ler as notícias e acrescentar factos às histórias. Era muito bom nisso. Se calhar, achava que devia falar pelos dois. Continuei a comer, satisfeita pelos sabores saudosos, a couve finamente picada e interligada no preparado, e o peixe suculento, tal como fazia a mãe.

— O Rodrigues tem-me emprestado o carro, sabias? — disse após uns minutos de silêncio. — É mais fácil para fazer as entregas. Sempre que precisar, só tenho que ir à garagem dele e repor a gasolina que usar. Isto vai ajudar-me a poupar tempo. E tempo é dinheiro.

Achei-o bonito nessa confirmação. Assim que terminámos, assomei à pia para tratar da loiça, e deixei-o adormecer no cadeirão que separava a cozinha da pequena salinha. O meu pai estava velho, inusitadamente velho, e receei perdê-lo. Fui capaz de controlar os espasmos internos que, rapidamente, se transformariam em ataque de choro ou medo. Respirei fundo e arrumei a cozinha. O pai ficou a descansar, e aproveitei o momento para me enfiar no quarto dele.

Nunca fui de remexer no espaço de ninguém, porque considero um ato de imenso desrespeito, contudo havia tanto por deslindar em relação à mãe que tomei isso como sagrado e fechei-me lá dentro. O quarto ainda cheirava a ela, mesmo tendo passado tanto tempo. Acho que

pouco se alterou relativamente à decoração e ao próprio ambiente sorumbático, de uma eterna tristeza, gravado nas paredes. Abri o guarda-vestidos do lado esquerdo, espaço que a roupa da minha mãe ocupara e onde ainda restavam alguns vestidos, com os quais eu não me identificava, mas que não queria doar. Apalpei o fundo, na tentativa de encontrar algum objeto, algum segredo, leves pistas, ou, idealmente, toda a solução para as minhas enormes dúvidas. A única coisa que encontrei foi uma caixa de madeira, idêntica a tantas outras que o meu pai já fizera, fechada com um pequeno cadeado sem grande segurança, mas cuja chave não tinha em minha posse. Quando uma caixa tem cadeado isso significa que o que contém não será livre de enigma e senti, tal como sentia tantas coisas incompreensíveis, que muitas das minhas respostas estariam ali. Abandonei o quarto, levando a caixa comigo. Escondi-a debaixo da cama, junto com a autópsia, e serenei, porque existem descobertas que levam o seu prazo, que necessitam de cerimónia e de vários dias de contemplação. Sentei-me à janela e perscrutei o céu. Algumas andorinhas simulavam uma dança bonita, com movimentos de queda-livre, dos quais logo recuavam. Não teriam vertigens? Havia, ainda, as nuvens de formatos, o terreno de bananeiras e, em frente, a casa de cortinas esvoaçantes.

Sentada numa cadeira alta, de madeira escura envernizada, uma mulher encarou-me, como se fôssemos o reflexo uma da outra, como se fôssemos asas simétricas de uma mesma borboleta.